

A um passo para recomeçar

A rede pública se prepara, depois de um ano e cinco meses, para voltar ao presencial em agosto. Para tornar o funcionamento possível, a Secretaria de Educação lançou um documento com informações sobre os protocolos de biossegurança em relação à covid-19, assim como ao acolhimento socioemocional e pedagógico.

“Neste primeiro momento, é importante criar esse espaço de escuta para entender as novas demandas que surgem. É importante saber como estão os alunos, gestores e famílias. Esse acolhimento vai se estender por várias semanas”, explica Leonardo Vieira, psicólogo escolar e gerente do Serviço Especializado de Apoio à Aprendizagem da Secretaria de Educação do DF (SEDF).

Ele ressalta que será necessário transportar a convivência no lar para o ambiente escolar: “Uma dificuldade que vai vir, especialmente com as crianças menores, é voltar a ter esse desprendimento de novo, porque foi mais de um ano dentro de casa, vivendo intensamente com a família. Então, a gente vê um processo que é de desligamento com a família e de voltar a ter na escola outro espaço social, de encontro, de relações e, claro, de aprendizagem”.

Com vistas a atender à nova realidade, várias escolas do DF passaram por reformas ao longo do período em que estiveram fechadas. Segundo Leonardo a previsão é de que tudo esteja pronto até agosto para que a retomada seja possível. “É importante estarmos preparados para atender os professores, outros profissionais da escola, além dos estudantes.”

A estudante Ana Luiza Gomes, 14, está contando as horas para voltar às aulas presenciais. Como o rendimento escolar foi comprometido no ensino remoto, ela acredita que frequentar a escola vai ajudá-la a recuperar o foco: “Concentrar-me sempre foi um grande desafio, pois estar em casa dificultava bastante. Também me cobrava para conseguir rendimento total nos estudos. Por isso, estou muito ansiosa para o início das aulas presenciais, com uma grande expectativa que logo voltaremos ao nosso normal.”

Durante o período de ensino a distância, a estudante buscou dar assistência aos alunos para fortalecer os laços de comunicação e diminuir a falta que o contato presencial faz. “Fui escolhida como representante de turma e dediquei total assistência aos alunos, para que eles fossem mais comunicativos, até mesmo entre si. Tive conversas com alguns, trabalhando o medo e a dúvida, em busca de uma socialização melhor”, comenta Ana Luiza.

Novo modelo educacional

O cenário de mudanças abriu portas para a implementação de um novo modelo educacional. “A escola virou um espaço de reencontro, um grande centro de afeto, de ressocialização e de

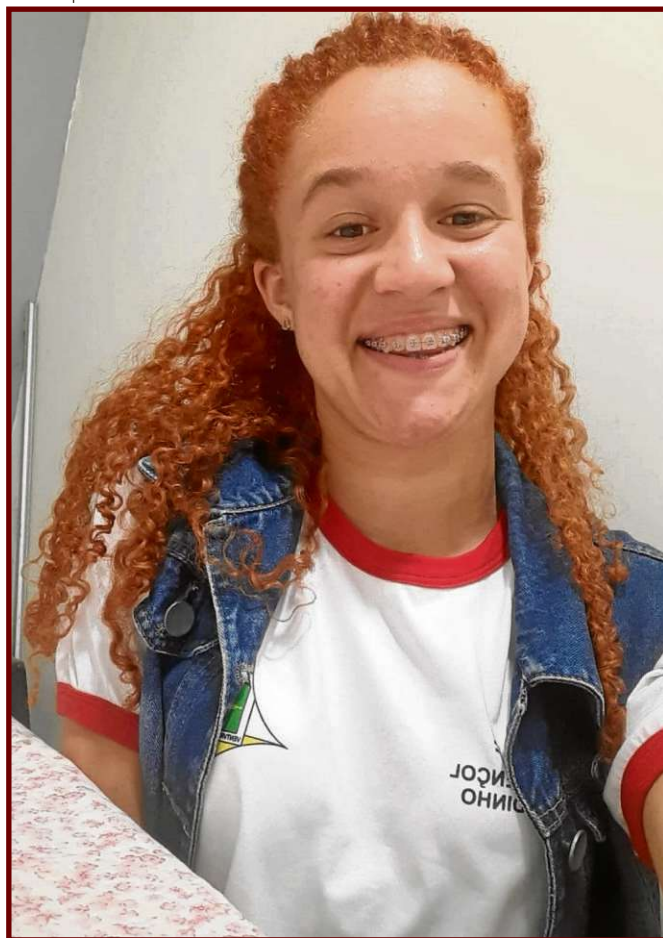
resgate pedagógico. Hoje, ela tem a missão de proporcionar a alegria do reencontro, de mostrar que é um lugar de aprender, mas também de reunião, de estarmos juntos novamente”, reflete a diretora-executiva da escola Eleva, Isabella Sá.

Para Leonardo Vieira, como a escola faz parte de uma sociedade complexa, ela não pode ficar à margem do que acontece no lado de fora. “A pandemia trouxe um olhar diferente para escola, e também nos fez perceber que outras dinâmicas, outras formas de educar são possíveis.” O isolamento mostrou o papel de apoio que as ferramentas tecnológicas podem oferecer ao aprendizado, como também colocou em evidência a importância das relações sociais.

“Devemos pensar neste ambiente escolar e ver como ele pode ser mais produtivo, mais rico de experiências e realmente potencializar o desenvolvimento humano, que é o foco da escola sempre. A aprendizagem mobiliza e faz o sujeito se desenvolver em todos os níveis possíveis. A gente precisa entender que é uma escola nova que surge agora. Não dá para voltar depois de tanto tempo afastados ao modelo antigo. Precisamos tirar das experiências o que é necessário, ver o que não deu certo, avaliar as lacunas que existem, mas, também, tirar dessas experiências aquilo que nos faz crescer e replanejar ações”, complementa o psicólogo.

Carolina Darolt concorda que é necessário apurar o olhar para os ganhos e as perdas da pandemia. “Perdemos com o afastamento do convívio social entre alunos e professores e colegas de trabalho, mas, por outro lado, construímos pontes para que o aprendizado fosse alcançado em cenários digitais. Potencializamos a autonomia, a postura de estudante e o compromisso com a aprendizagem. Agora, será preciso um exercício responsável para que a aprendizagem seja resgatada individualmente e para que a escola continue fazendo o que sempre fez: observar, analisar e desafiar o aluno para que ele transforme seu potencial em grandes realizações”, pondera.

Fotos: Arquivo Pessoal



Representante de turma, Ana Luiza procurou os colegas que estavam com dificuldades no isolamento